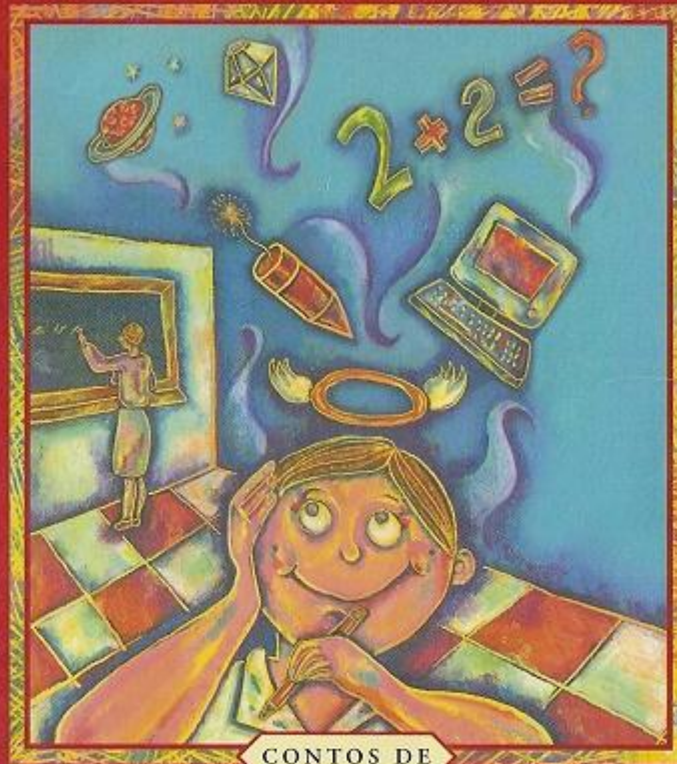
O Santinho



CONTOS DE

Luis Fernando Verissimo

Apresentação de Ana Maria Machado

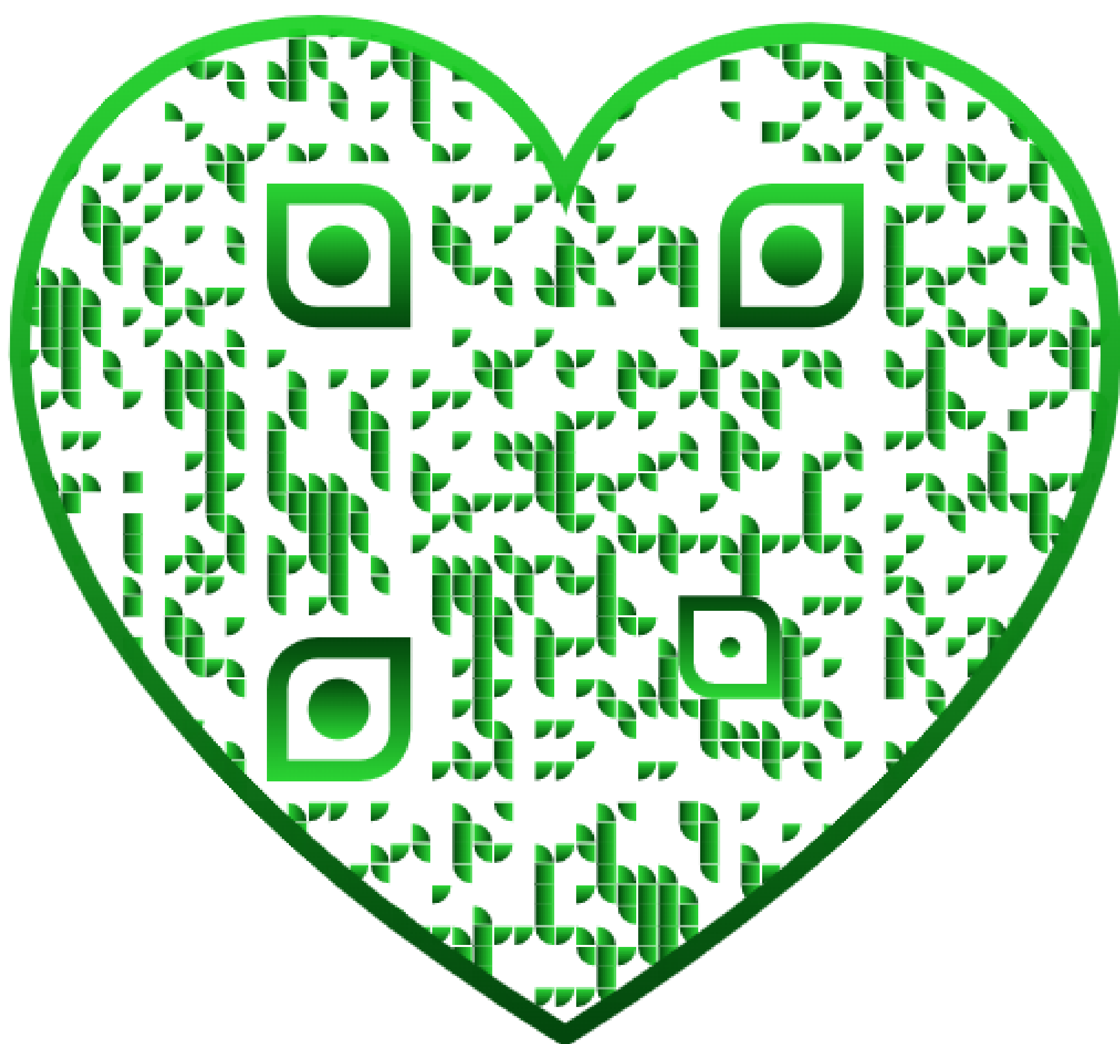
Literatura  em minha casa 2 

O Santinho

Luis Fernando Verissimo

http://groups-beta.google.com/group/digitalsource





Luís Fernando Verissimo

O Santinho



© Luis Fernando Verissimo

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA OBJETIVA LTDA.,
rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro - RJ - CEP 26247-090
Tel.: (21) 2566-7583 Fax: (21) 2567-3977

Apresentação e Notas

Ana Maria Machado

Seleção Original

Maria da Glória Bordini

Capa e Ilustrações

Glenda Rubinstein

Revisão

Tereza da Rocha

Coordenação Editorial

Isa Pessoa

V517s
Veríssimo, Luis Fernando
O santinho / Luis Fernando Veríssimo. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2001
63 p. - (Literatura em minha casa ; v. 2).
ISBN 85-7302-413-5
1. Literatura brasileira - Contos. I. Título. II. Série.
CDD B869.3

Sumário

Apresentação 7

Santinho 13

Vítor e seu irmão 17

O diamante 21

Dois mais dois 25

A descoberta 29

Os preguiçosos 31

Sementinhas 33

Nomes 37

Experiência 41

A história, mais ou menos 43

O "flete" 47

O pleito 51

Conversa 55

Relógio Digital 57

A solução 59

Minhas férias 61

Luis Fernando Verissimo:
humor e ternura

Ana Maria Machado



Como é possível que uma coisa ao mesmo tempo nos emocione e faça rir?

É um mistério, e não é muito freqüente que isso aconteça. Mas quando ocorre, é um momento precioso do espírito humano. Uma espécie de deslumbramento cultural. Eram assim os filmes de Charles Chaplin. No tempo do cinema mudo, ele criou o Carlitos, um vagabundo engraçadíssimo e comovedor, que vivia em situações de extrema penúria mas não perdia o senso de humor nem a capacidade de criar beleza, a partir de elementos muito pobres - um sapato velho, uma corda que prendia a calça na cintura, um vira-lata, dois garfos espetados em pãezinhos... O espectador via aqueles filmes, sentia solidariedade e compaixão, ficava com um nó na garganta e de repente caía numa gargalhada irresistível, a partir de uma mescla de humor e ternura. Chaplin nem precisava de palavras para despertar o riso e o carinho da platéia.

Humor e ternura... Pois é justamente com esses dois ingredientes que Luis Fernando Verissimo trabalha neste livro. Só que seu meio de expressão são justamente as palavras, e ele as emprega com sabedoria de mestre.

Todos os contos aqui reunidos fazem parte da edição e seleção

original de Maria da Glória Bordini. São evocações da infância, sobretudo do ambiente escolar. Não se deixe enganar pelo título, O Santinho aqui não é de céu nem de altar, é quase um apelido gozador. Tem a ver com uma expressão popular brasileira, que fala em "santinho do pau oco". Para explicar este termo, é preciso contar sua história. Na época colonial, quando o Brasil ainda estava sob o domínio de Portugal, houve um momento em que minas de ouro, diamantes e outras pedras preciosas tinham sido descobertas em Minas Gerais. Muita riqueza. Mas a Coroa portuguesa cobrava impostos altíssimos e controlava todo o transporte de mercadorias para não haver contrabando. A fim de enganar os fiscais, as pessoas tentavam todo tipo de esperteza. Uma delas era fazer imagens ocas de madeira, representando santos e anjos. Dentro dessas esculturas, era possível esconder ouro e jóias. É daí que vem a expressão "santinho do pau oco", para se referir a um falso santo, alguém que pode parecer muito bonzinho e angelical mas, no fundo, é uma peste.

Santinhos e brincalhões, alunos e professores, pais e filhos povoam as páginas destes contos que vão aos poucos se juntando e fazendo um panorama da escola de alguns anos atrás, quando o autor estudava. Uma época que ele recorda com evidente saudade, mas também com seu característico e inegável espírito crítico. Todo um universo recriado em pequenos detalhes, a partir do extraordinário sentido de observação que é um traço marcante do escritor.

São contos pequenos, às vezes próximos de crônicas narrativas, compondo um mosaico que até faz lembrar outra experiência interessante da Literatura Brasileira -a de Graciliano Ramos, um autor alagoano que em 1943 publicou *Vidas secas,* uma reunião de vários episódios passados no sertão nordestino, que ele chamou de contos, formando o que classificou como um "romance desmontável". Quer dizer, cada história vale por si mesma, mas todas juntas formam um panorama geral. Só que os contos de Luis Fernando Verissimo são bem curtinhos e gostosos de ler, numa linguagem bem atual. Diferentes dos de Graciliano Ramos, mais longos, de outra região e de outro tempo. Do tempo do pai de Luis Fernando, o grande autor gaúcho Erico Verissimo. Vai ver que foi com ele que o filho aprendeu a

escrever tão bem.

Mas ser filho de um grande escritor pode também ter suas desvantagens para quem pensa em seguir a mesma carreira. Todo mundo fica comparando. Então, se o garoto tem vontade de escrever, até fica sem graça e com medo de tentar. Como se tivesse a obrigação de não ficar para trás.

Talvez tenha sido por isso que Luis Fernando Veríssimo queria ser músico e não escritor. Toca saxofone até hoje e tem até fama de tocar direitinho. Mas como sempre teve um talento danado para as palavras, acabou chegando uma hora em que não deu mais para fugir delas. Bem que ele tentou. Até se meteu a ser desenhista de história em quadrinhos, mas com uma esperteza: seus personagens eram cobras, que era para ele não precisar desenhar cara com orelha e nariz, nem corpo com pernas, braços, mãos e uma porção de movimentos diferentes. Porque o negócio dele mesmo é escrever, como você vai comprovar neste livro.

Se você quiser fazer uma experiência, tente não se concentrar apenas na história que o Veríssimo está narrando em cada conto e procure ir mais fundo, prestando atenção na linguagem que ele usa. Por exemplo, em "A história, mais ou menos", ele faz um conto de Natal diferente de tudo o que a gente já leu. Relata um episódio que todo mundo conhece: o nascimento de Jesus e a viagem dos reis magos. Mas a linguagem que usa é completamente diferente da que se lê na Bíblia - é cheia de gíria, como se fosse uma conversa, tem até umas palavras erradas, como a gente aprende que não deve escrever numa redação. Por quê? O que ele consegue com isso? A história fica ao mesmo tempo um pouco engraçada e muito mais próxima do leitor... É uma prova de como o autor consegue uma perfeita adequação entre o que ele está contando e a forma de contar, para nos tocar da maneira que quer.

Quer ver outro exemplo? O conto mais curtinho de todos se chama "Os preguiçosos". Até mesmo o leitor com mais preguiça ou menos vontade de ler acaba a leitura num instante. Mas tem que prestar atenção para entender. Porque, na verdade, é mesmo um retrato muito bem-feito da preguiça, mas não tem nenhuma descrição, nenhuma conversa fiada cheia

de palavras abstratas, é escrito numa linguagem econômica, de quem não desperdiça nada e não gasta nada além do que é indispensável. Como se a própria maneira de escrever estivesse mostrando que preguiçoso não faz qualquer esforço extra.

Já em "Minhas férias", o autor escolhe outro caminho. Escreve exatamente como se fosse mesmo a redação escolar de um menino que não soubesse redigir direito e ficasse pondo as palavras no papel do jeito que elas vêm à cabeça, meio como quem fala. E é justamente esse truque da escrita que dá graça ao texto.

Enfim, em todos os contos o leitor pode se divertir. Em muitos deles, pode também se enternecer - com as lembranças do Veríssimo ou com suas observações sutis e tão humanas, como o ciúme que os pais sentem em "A descoberta", ao perceberem que o pestinha do filho está crescendo e entrando num mundo novo e independente, onde eles não vão mais conseguir acompanhá-lo.

Por tudo isso, fica fácil compreender por que Luis Fernando Veríssimo é um dos mais bem-sucedidos autores brasileiros contemporâneos, tão amado por seus leitores fiéis, sempre com alguns livros nas listas dos mais vendidos da semana. É possível que você já tenha lido outras coisas dele na escola. Talvez conheça seus quadrinhos em "As Cobras", ou de vez em quando leia uma crônica dele num jornal. Pode ser que tenha visto na televisão algumas de suas histórias que foram adaptadas para "Comédias da vida privada". Mas agora vai ter a oportunidade de conhecer um Veríssimo um pouco diferente, especial para você, inteiramente à vontade numa conversa entre amigos de escola. Mesmo que uns sejam santinhos e outros sejam pestinhas.

Santinho

Lembro-me com clareza de todas as minhas professoras, mas me lembro de uma em particular. Ela se chamava Dona Ilka. Curioso: porque escrevi "Dona Ilka" e não Ilka? Talvez por medo de que ela se materializasse aqui do meu lado e exigisse o "Dona", onde se viu tratar professora pelo primeiro nome, menino? No meu tempo ainda não se usava o "tia". Elas podiam ser boas e até maternais, mas decididamente não eram nossas tias. A Dona Ilka não era maternal. Era uma mulher pequena com um perfil de passarinho. Um pequeno passarinho loiro. E uma fera.

Eu era um aluno "bem-comportado". Era um vagabundo, não aprendia nada, vivia distraído. Mas comportamento, 10. Por isto até hoje faço verdadeiras faxinas na memória, procurando embaixo de tudo e em todos os nichos a razão de ter sido, um dia, castigado pela Dona Ilka. Alguma eu devo ter feito, mas não consigo lembrar o quê. O fato é que fui posto de castigo. Que consistia em ficar de pé num canto da sala de aula, com a cara virada para a parede. (Isto tudo, já dá para ver, foi mais ou menos lá pela Idade Média.)[1] Mas o que eu nunca esqueci foi a Dona llka ter me chamado de "santinho do pau oco".

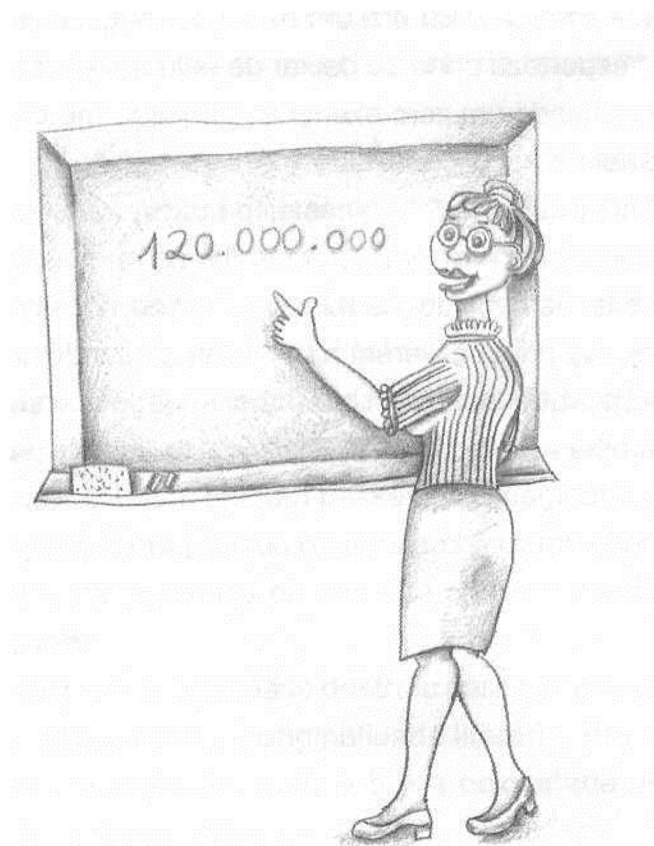
Ser bem-comportado em aula não era uma decisão minha nem era nada de que me orgulhasse. Era só o meu temperamento. Mas a frase terrível da Dona Ilka sugeria que a minha boa conduta era uma simulação. Eu era um falso. Um santo falsificado! Não vou dizer que todas as minhas dúvidas existenciais datem do epíteto da Dona Ilka, mas, depois disso, pelo resto da vida, não foram poucas as vezes em que um passarinho imaginário

[1] Dá para ver que o autor está exagerando e brincando com o leitor. A Idade Média acabou em 1453, quando a cidade de Constantinopla (hoje Istambul) foi tomada pelos turcos que impediram a sua utilização pelos europeus, como escala das caravanas comerciais para o Oriente. Com isso, eles tiveram que procurar outro caminho para ir às índias, os portugueses desenvolveram as navegações, acabaram chegando lá por mar em 1498 e descobrindo o Brasil em 1500.

com perfil de professora pousou no meu ombro e me chamou de fingido. Os santinhos do pau oco passam a vida se questionando.

Já outra professora quase destruiu para sempre qualquer pretensão minha à originalidade literária. Era para fazer uma redação em aula sobre a ociosidade, e eu não tinha a menor idéia do que era ociosidade. Se a palavra fora mencionada em aula, tinha certamente sido num dos meus períodos de devaneio, em que o corpo ficava ali, mas a mente ia passear. E então, me achando formidável, fiz uma redação inteira sobre um aluno que precisa fazer uma redação sobre a ociosidade sem saber o que é isso, sua agonia e finalmente sua decisão de fazer uma redação sobre a ociosidade, etc. A professora chamou a atenção de toda a classe para a minha redação. Eu era um exemplo de quem acha que com esperteza pode-se deixar de estudar e por isto estava ganhando um zero exemplar. Só faltou me chamar de original do pau oco.

Enfim, sobrevivi. No ginásio, todos os professores eram homens, mas não lembro de nenhuma marca que algum deles tenha deixado. As relações com as nossas pseudo-mães, no primário, eram muito mais profundas. As duas histórias que eu contei não têm nenhuma importância. Mas olha as cicatrizes.



Vitor e seu irmão

Não era prevenção. A professora tinha o cuidado de tratar todos os seus alunos da mesma maneira.

Pelo menos, se esforçava para isto. Mas, com o Vitor, ela sempre estava com um pé atrás. O Vitinho era um caso à parte.

- Qual é a população do Brasil?

Um aluno levantou a mão e leu a resposta que estava no livro.

- Cento e vinte milhões [2].

O Vitor levantou a mão. A professora sentiu um vazio na barriga. Lá vinha ele.

---

[2] É claro que este livro foi escrito há alguns anos. Hoje são mais de cento e sessenta milhões.

- O que é, Vitinho?

- Cento e vinte e um milhões.[2]

- Por que, Vitinho?

- Minha mãe teve um filho esta semana.

Uma risadinha correu pela sala, mas o Vitor ficou sério. Estava sempre sério.

- Quantos filhos a sua mãe teve, Vitor?

- Até agora?

- Não, desta vez.

- Um. Mas dos grandes.

Outra risadinha, como marola na superfície de um lago.

- Então não são cento e vinte e um milhões. São cento e vinte milhões e um.

E a professora escreveu o número no quadro-negro. Depois apontou para o um no fim do número e disse:

- Este aqui é o seu irmãozinho, Vitor.

Depois, antes mesmo do Vitor falar, ela se deu conta de como aquele um parecia solitário, no fim de tantos zeros.

- Coitadinho do meu ermão.

- Irmão, Vitor. E é claro que este número não é exato. Tem gente nascendo e morrendo a todo momento...

- Lá no hospital tava cheio de crianças. Será que já contaram?

- Não sei, Vitor, eu...

- Bota mais uns dois ou três pra acompanha meu ermão, tia.

Ela teve que rir junto com os outros.

- Você, hein, Vitinho? Com você eu tenho que ficar sempre com um pé atrás.

- Cuidado pra não caí pra frente, tia.

- Chega, Vitor!

Outro caso era o da Alicinha, que se espantava com tudo. Era só a professora dizer, por exemplo, que a capital do Brasil era Brasília e a Alicinha arregalava os olhos e exclamava:

- Brasília?!

- É, Alice. Por quê?

- Nada.

Depois ficava com aquela cara de que só ela era certa no mundo de loucos, onde se viu a capital do Brasil ser Brasília, mas era melhor deixar pra lá.

Um dia a professora disse que o Brasil tinha 8.000 km de costa marinha e ficou esperando a reação da Alicinha.

Nada.

- O Brasil é banhado pelo oceano Atlântico.

- Atlântico?!

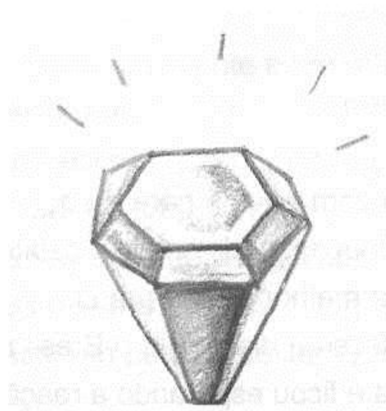
- É, Alice.

- Desde quando?

- Desde sempre, Alice.

- Eu, hein?

"Eu, hein" era mortal. "Eu, hein" era de matar, mas a professora precisava se controlar. Entre o Vitinho e a Alicinha ainda acabaria louca.



O diamante

Um dia, Maria chegou em casa da escola muito triste. - O que foi? - perguntou a mãe de Maria. Mas Maria nem quis conversa. Foi direto para o seu quarto, pegou o seu Snoopys [3] e se atirou na cama, onde ficou deitada, emburrada.

A mãe de Maria foi ver se Maria estava com febre. Não estava. Perguntou se Maria estava sentindo alguma coisa. Não estava. Perguntou se estava com fome. Não estava. Perguntou o que era, então.

- Nada - disse Maria.

A mãe resolveu não insistir. Deixou Maria deitada na cama, abraçada com o seu Snoopy, emburrada. Quando o pai de Maria chegou em casa do trabalho, a mãe de Maria avisou:

- Melhor nem falar com ela...

Maria estava com cara de poucos amigos. Pior. Estava com cara de amigo nenhum.

Na mesa do jantar, Maria de repente falou:

- Eu não valo nada. O pai de Maria disse:

---

[3] Snoopy é o nome de um personagem de história em quadrinhos, criado pelo americano Charles Schulz. É um cachorro muito inteligente, que gosta de ficar deitado no telhado de sua casinha, mas acompanha as crianças em tudo, como se fosse gente. Faz parte da turma do Charlie Brown.

- Em primeiro lugar, não se diz "eu não valo nada". É "eu não valho nada". Em segundo lugar, não é verdade. Você valhe muito. Quer dizer, vale muito.

- Não valho.

- Mas o que é isso? - disse a mãe de Maria. - Você é a nossa filha querida. Todos gostam de você. A mamãe, o papai, a vovó, os tios, as tias. Para nós, você é uma preciosidade.

Mas Maria não se convenceu. Disse que era igual a mil outras pessoas. A milhões de outras pessoas.

- Só na minha aula tem sete Marias!

- Querida... - começou a dizer a mãe. Mas o pai interrompeu.

- Maria - disse o pai -, você sabe por que um diamante vale tanto dinheiro?

- Porque é bonito.

- Porque é raro. Um pedaço de vidro também é bonito. Mas o vidro se encontra em toda parte. Um diamante é difícil de encontrar. Quanto mais rara é uma coisa, mais ela vale. Você sabe por que o ouro vale tanto?

- Por quê?

- Porque tem pouquíssimo ouro no mundo. Se o ouro fosse como areia, a gente ia caminhar no ouro, ia rolar no ouro, depois ia chegar em casa e lavar o ouro do corpo para não ficar suja. Agora, imagina se em todo o mundo só existisse uma pepita de ouro.

- Ia ser a coisa mais valiosa do mundo.

- Pois é. E em todo o mundo só existe uma Maria.

- Só na minha aula são sete.

- Mas são outras Marias.

- São iguais a mim. Dois olhos, um nariz...

- Mas esta pintinha aqui nenhuma delas tem.

-É...

- Você já se deu conta de que em todo o mundo só existe uma você?

- Mas, pai...

- Só uma. Você é uma raridade. Podem existir outras parecidas. Mas você, você mesma, só existe uma. Se algum dia aparecer outra você na sua

frente, você pode dizer: é falsa.

- Então eu sou a coisa mais valiosa do mundo.

- Olha, você deve estar valendo aí uns três trilhões... Naquela noite a mãe de Maria passou perto do quarto dela e ouviu Maria falando com o Snoopy:

- Sabe um diamante?



Dois mais dois

O Rodrigo não entendia por que precisava aprender matemática, já que a sua minicalculadora faria todas as contas por ele, pelo resto da vida, e então a professora resolveu contar uma história. Contou a história do Super Computador.

Um dia, disse a professora, todos os computadores do mundo serão unificados num único sistema, e o centro do sistema será em alguma cidade do Japão. Todas as casas do mundo, todos os lugares do mundo terão terminais do Super Computador. As pessoas usarão o Super Computador para compras, para recados, para reservas de avião, para consultas sentimentais. Para tudo.

Ninguém mais precisará de relógios individuais, de livros ou de calculadoras portáteis. Não precisará mais nem estudar. Tudo que alguém quiser saber sobre qualquer coisa estará na memória do Super Computador, ao alcance de qualquer um. Em milésimos de segundo a resposta à consulta estará na tela mais próxima. E haverá bilhões de telas espalhadas por onde o homem estiver, desde lavatórios públicos até estações espaciais. Bastará ao homem apertar um botão para ter a informação que quiser.

Um dia um garoto perguntará ao pai:

- Pai, quanto é dois mais dois?

- Não pergunte a mim - dirá o pai -, pergunte a Ele.

E o garoto digitará os botões apropriados e num milésimo de segundo a resposta aparecerá na tela. E então o garoto dirá:

- Como é que sei que a resposta é certa?

- Porque Ele disse que é certa - responderá o pai.

- E se Ele estiver errado?

- Ele nunca erra.

- Mas se estiver?

- Sempre podemos contar nos dedos.

- O quê?

- Contar nos dedos, como faziam os antigos. Levante dois dedos. Agora mais dois. Viu? Um, dois, três, quatro. O Computador está certo.

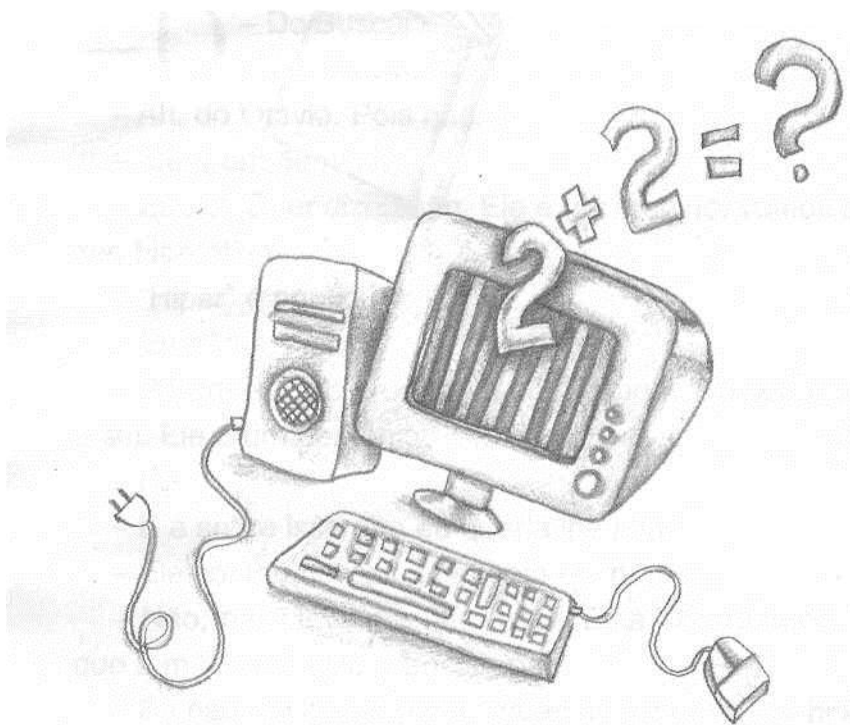
- Mas, pai, e 362 vezes 17? Não dá para contar nos dedos. A não ser reunindo muita gente e usando os dedos das mãos e dos pés. Como saber se a resposta d'Ele está certa?

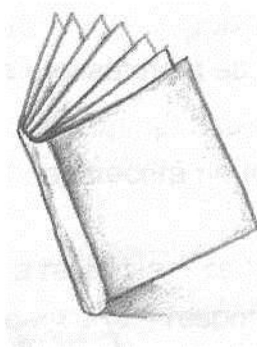
Aí o pai suspirou e disse:

- Jamais saberemos...

O Rodrigo gostou da história, mas disse que, quando ninguém mais soubesse matemática e não pudesse pôr o Computador à prova, então não faria diferença se o Computador estava certo ou não, já que a sua resposta seria a única disponível e, portanto, a certa, mesmo que estivesse errada, e...

Aí foi a vez de a professora suspirar.





A descoberta

Bom-dia. Eu sou o pai do Buscapé. - Do Buscapé? - Do Otávio. - Ah, do Otávio. Pois não.

- Ele é um demônio.

- Eu sei. Quer dizer, não. Ele é um menino, vamos dizer, hiperativo.

- "Hiper" é pouco.

- Eu não acho que...

- Por favor. Não precisa se constranger. Eu sou o pai e sei. Ele é um demônio.

-É.

- E é sobre isso que eu queria lhe falar.

- Ele contou que eu gritei com ele na aula...

- Não, não. Isso ele nem nota. Está acostumado. É que a mãe dele está preocupada.

- Eu não me preocuparia. Todas as crianças são hipe-rativas nessa fase. O Buscapé... O Otávio só é um pouco mais do que as outras. A sua senhora não deve...

- Mas ela está preocupada com outra coisa.

- O quê?

- O Busca não pára de ler.

- Não pára de ler? Mas isso é ótimo.

- Desde que começou a ler, anda sempre com um livro debaixo do braço. Quando a gente estranha o silêncio dentro de casa, vai ver é ele não

fazendo barulho. Está atirado no chão, soletrando um livro, muito compenetrado.

- Mas eu não vejo qual o problema.

- É a mãe dele que... Bom, ela sente falta.

- Do quê?

- Da agitação do Busca. Ela não está acostumada, entende? Ater um intelectual em casa. Outro dia até brigou com ele.

- Por quê?

- Ele estava quieto demais. Ela gritou: "Eu não agüento mais. Quebra alguma coisa!".

- Mas eu não entendo o que eu posso...

- Bom, se a senhora pudesse, sei lá. Não digo desencorajar o Busca. Só dizer que ele não precisa exagerar.

- Mas ele está descobrindo o mundo maravilhoso dos livros. Isso é formidável.

- É, só que a gente fica, não é?, com um certo ciúme.

Os preguiçosos

Dois preguiçosos estão sentados, cada um na sua cadeira de balanço, sem vontade nem de balançar. Um deles diz:

- Será que está chovendo? O outro:

- Acho que está.

- Será?

- Não sei.

- Vai lá fora ver.

- Eu não. Vai você.

- Eu não.

- Chama o cachorro.

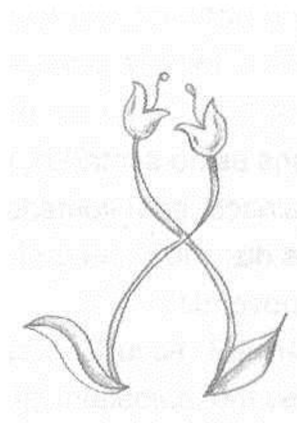
- Chama você.

- Tupi!

O cachorro entra da rua e senta entre os dois preguiçosos.

- E então?

- O cachorro tá seco...



Sementinhas

Professora, sabe sexo explícito? Pronto, pensou a professora. Chegou a hora. A turma ainda não estava na idade para educação sexual, mas quem sabe qual é a idade, hoje em dia?

- Professora, sabe sexo explícito?

- Eu já ouvi, Maurício. É sobre isso que nós vamos conversar hoje.

- Mas, professora...

- Senta, Maurício.

O menino estava impaciente. Ela entendia. Todos deviam estar impacientes. O sexo estava por toda parte. Era natural a curiosidade deles. Mesmo naquela idade.

- Todos sabem o que é uma planta, não sabem? Agora eu quero o nome de uma planta. Judite?

- Flor - disse a Judite.

- Muito bem. E que tipo de flor?

- Rosa! - apressou-se a dizer a Rosa.

- Muito bem. Eu vou desenhar uma rosa. E a professora desenhou uma semente.

- Isto parece uma rosa?

- Não senhora.

- Claro que não. Isto é uma semente. É o começo da rosa. Toda plantinha começa com uma semente. Alguém bota uma semente na terra e a plantinha vai crescendo, vai crescendo...

- Professora...

- O que é, Maurício?

- Sabe sexo explícito?

- Espera um pouquinho, Maurício. Nós já chegamos lá.

- Mas, professora...

- Senta, Maurício.

- Mas...

- Senta!

- Tá bem.

E o menino sentou, com cara de mártir.

- Primeiro tem a semente. Depois a plantinha vai nascendo da semente. Vocês também começaram de uma sementinha, como esta. Dentro da barriga da mamãe. E quem foi que botou a sementinha na barriga da mamãe? Alguém sabe?

- Foi o meu pai - disse o Maurício. - Mas, professora...

- Foi o papai, certo. Vejo que essa parte vocês já sabem. E como é que o papai põe a sementinha na barriga da mamãe? Quem sabe?

Silêncio.

- Professora...

- O que, Maurício...

- Nós sabemos tudo isso.

- Tudo?

- Tudo - confirmou a Rosa.

- Sabe sexo explícito? - insistiu o Maurício.

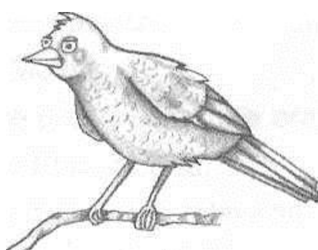
- Sei - disse a professora, desconfiada. - Que que tem sexo explícito?

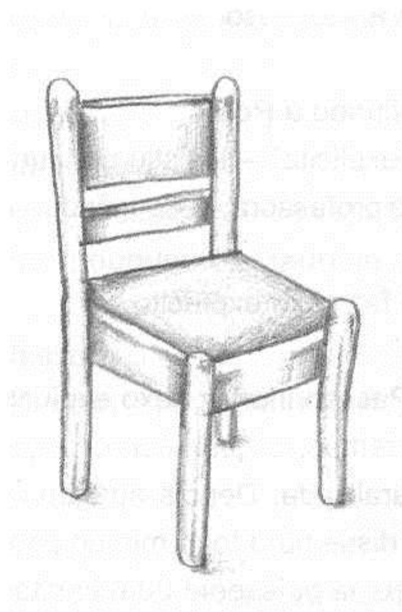
- Passarinho faz sexo expíucito.

- Como é?

- Expíucito. Passarinho faz sexo expíucito.

Por um longo tempo, enquanto as crianças riam, a professora ficou paralisada. Depois apagou a semente do quadro-negro e disse para todo mundo pegar lápis colorido e desenhar uma paisagem bem bonita.





Nomes

Um dia, todos os bonecos e bonecas da Helena começaram a falar. O primeiro foi o urso Pompeu. Helena estava dormindo e acordou de manhã com a voz do Pompeu, que dizia:

- Olha a hora, preguiçosa.

Helena abriu os olhos em volta. Quem a chamara?

- Fui eu - disse Pompeu.

- Urso não fala - disse Helena.

- Mas eu não sou um urso de verdade - respondeu Pompeu, como se isto explicasse tudo.

Helena levantou da cama e levou um susto. Todos os seus bonecos e bonecas a cumprimentaram.

- Bom-dia - disse a Suzi.

- Oi - disse o Molengão.

- Hello - disse o cachorro, que era americano. Helena ficou de boca aberta.

- Eu não sabia que vocês falavam! - disse.

- Nem nós - disse a Suzi.

- É o maior barato! - disse a boneca de pano, que a Helena chamava de Matilde e era muito espevitada.

- Eu sei até cantar - disse o Pompeu. E começou a cantar, até que os outros fizeram "sssh" e mandaram parar.

- Mas isto é ótimo! - disse Helena. - Agora eu vou poder conversar com vocês de verdade. Antes só eu falava e ninguém respondia.

- Tem uma coisa... - disse o Molengão.

- O que é?

- Você nos chama pelos nomes errados.

- Mas fui eu que botei os nomes em vocês. A não ser pela Suzi, que já veio da loja com esse nome.

- Pois nem eu me chamo Suzi - disse a Suzi. - Meu nome mesmo é Eunice.

- O meu é Geraldo - disse Pompeu.

- O meu é Felipe - disse o Molengão. - Mas você pode me chamar de Felipão.

- E o seu, como é? - perguntou Helena, apontando para o cachorro.

- What? - disse o cachorro, em inglês.

- Como é o s-eu no-me? - repetiu Helena. Quando a gente fala com estrangeiro, é só falar bem devagar que eles entendem.

- Meu nome é Sam - disse o cachorro. - Sam Smith.

- E o meu nome vocês nem desconfiam qual é - disse a boneca de pano. - É Saralara!

- Que nome esquisito! - disse o Molengão. Quer dizer, o Felipão.

- Esquisita é a sua cara! - disse a boneca.

- Não briguem - pediu Helena.

- E o seu verdadeiro nome, como é, Helena? - quis saber Geraldo, o ex-Pompeu.

- É Helena, ué.

- Helena é o nome que deram para você. Como é que você se chama?

Helena ficou pensativa. Gostava do nome Helena. Mas, no fundo, no fundo, sempre se achara com cara de Rejane. Devia ser o seu nome de verdade.

- É Rejane - disse.

A mãe de Helena entrou no quarto e disse que era para ela

interromper aquele papo com os bonecos porque estava na hora de escovar os dentes, tomar café e ir para a escola. Antes de sair do quarto, Helena, ou Rejane, ainda fez uma pergunta para os bonecos. Era uma coisa que a estava intrigando.

- Eu botei nomes em vocês porque vocês não falavam e não podiam dizer seus nomes de verdade, certo?

- Certo.

- Quer dizer que todas as outras coisas neste quarto também têm nomes que a gente não sabe. Se pudessem falar, elas nos diriam qual é.

- Exatamente.

- Eu, por exemplo - disse Saralara -, sei que cama não se chama "cama".

- E como é que ela se chama? - quis saber Helena.

- É "Frunfra" - disse Saralara.

- E armário é "Bozório" - revelou Geraldo.

- Tapete se chama "Abajur" - disse Eunice.

- E abajur, como se chama? - perguntou Helena.

- Carlos Henrique.

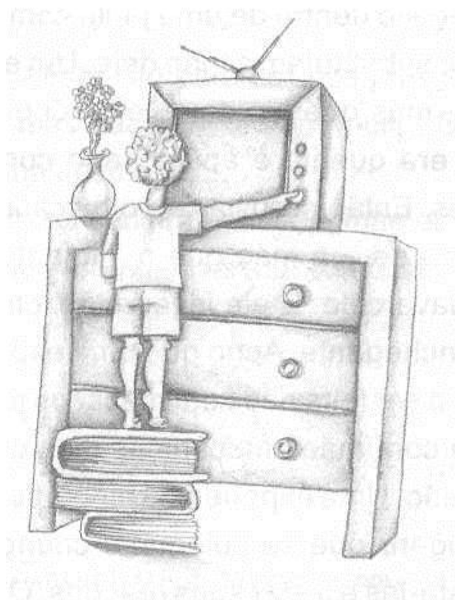
Helena contou tudo isto para os seus pais, que acharam engraçado mas não acreditaram muito. Os adultos não têm nenhuma imaginação.

- Senta direito na cadeira - disse a mãe de Helena.

- Cadeira, não - corrigiu Helena. - Sploct.[4]

---

[4] Talvez você conheça um outro conto muito famoso sobre esse mesmo tema - "Marcelo, Marmelo, Martelo", de Ruth Rocha. É muito interessante ver como os dois autores trabalham exatamente com o mesmo material de forma tão diferente. Se você encontrar numa biblioteca o livro da Ruth, faça uma comparação. Encontrando ou não, pode brincar de imaginar outros nomes para as coisas. É muito divertido.



Experiência

Uma vez fizeram uma experiência. Criaram um macaco dentro de uma jaula com dois bonecos que substituíam a mãe dele. Um era um boneco duro e frio, mas que lhe dava leite. O outro não dava leite, mas era quente e acolchoado como costumam ser as mães. Então assustavam o macaquinho para ver se ele corria para a mãe que o alimentava ou para a mãe que dava colo. E ele invariavelmente corria para a mãe aconchegante. Acho que uma experiência parecida poderia ser feita não com macacos mas com crianças, e não com mães mecânicas mas com um livro e uma televisão. Uma experiência hipotética, claro; longe de mim sugerir que se coloquem crianças em jaulas para assustá-las e testar suas reações. O que equivaleria à mãe que alimenta mas não dá calor, o livro ou a televisão? Como ainda sou partidário de Gutenberg [5] gosto de pensar que uma criança pode receber tudo o que precisa da televisão, mas que nada substitui o prazer tátil, o calor de um livro, e que sua relação com a informação impressa sempre será mais humana e atraente. Mas tenho a

---

[5] Gutenberg foi o alemão que inventou a imprensa e por isso seu nome ficou quase como sinônimo de palavra impressa. Quando se fala em "galáxia de Gutenberg", isso quer dizer "o universo dos livros". Ao dizer que é partidário dele, o autor afirma que está tomando partido a favor dos livros.

impressão de que a experiência me decepcionaria. Provocada a procurar a informação pelo meio que mais lhe dá prazer ou segurança, uma criança moderna a princípio me encheria de esperança dirigindo-se para um livro. Mas em seguida me desiludiria. Carregaria o livro até a frente da televisão e o usaria como um degrau para alcançar o botão da TV.

[6]

[6] Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

A história, mais ou menos

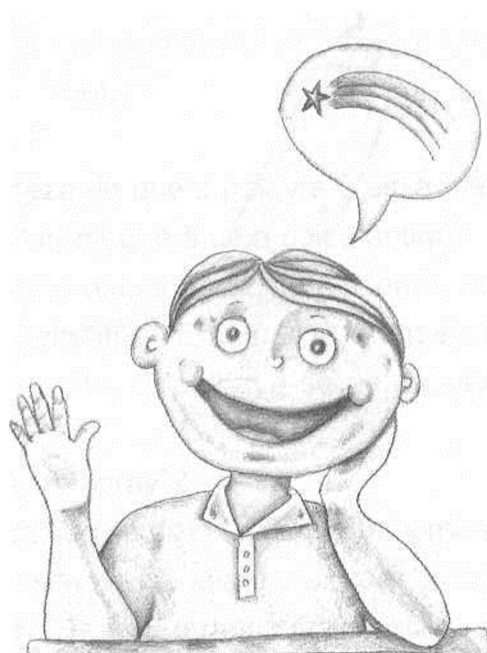
Negócio seguinte. Três reis magrinhos ouviram um plá de que tinha nascido um Guri. [7] Viram o cometa meta no Oriente e tal e se flagraram que o Guri tinha pintado por lá. Os profetas, que não eram de dar cascata, já tinham dicado o troço: em Belém da Judéia vai nascer o Salvador, e tá falado. Os três magrinhos se mandaram. Mas deram o maior fora. Em vez de irem direto para Belém, como mandava o catálogo, resolveram dar uma incerta no velho Herodes [8], em Jerusalém. Pra quê! Chegaram lá de boca aberta e entregaram toda a trama. Perguntaram: *Onde está o rei que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo.* Quer dizer, pegou mal. Muito mal. O velho Herodes, que era um oligão, ficou grilado. Que rei era aquele? Ele é que era o dono da praça. Mas comeu em boca e disse: *Jóia. Onde é que esse guri vai se apresentar? Em que canal? Quem é o empresário? Tem baixo elétrico? Quero saber tudo.* Os magrinhos disseram que iam flagrar o Guri e na volta dicavam tudo para o coroa.

Bom. Seguiram o cometa, chegaram numa estrebaria e lá estava o Guri com a Mãe e o Pai. Sensacional. Parecia até presépio vivo. Os magrinhos encheram o Guri de presente. Era Natal, pô. Mirra, incenso, ouro, autorama. Tava na hora de darem no pé quando chega um telex. É do céu. Um anjo avisando aos magrinhos que *não repito, não voltem à presença de Herodes porque o coroa tá a fim de apagar o Guri.* E, depois que os magrinhos se mandaram, chega outro telex, desta vez para o velho do Guri. *Te manda e leva a família. O Herodes vem atrás de vocês e não é para dar presente.* O velho pegou a mulher e o Guri e voou para o Egito. Na estrebaria as vacas ficaram se entreolhando meio acanhadas, mas depois esqueceram tudo. Aliás, um dos carneiros, mais tarde, quis vender a história toda para um jornal de Jerusalém, mas não acertaram o tutu.

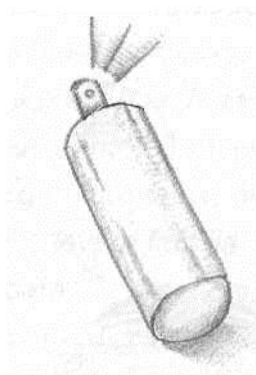
---

[7] Só por essa palavra já dava para ver que o autor é gaúcho. No Rio Grande do Sul, chamam menino de guri.

Bom, o Herodes, é claro, ficou chutando as paredes quando soube da jogada dos magrinhos. Mandou que todo bebinski nascido nas bocas fosse cancelado. Se tiver fralda, apaga. Foi chato. Muito chato. Morreu nenen que não foi fácil. Mas o Guri tava no Egito, vivão. Pouco depois Deus achou que o Herodes tava se passando e cassou a licença dele. E mandou passar outro telex para o velho do Guri: *Pode voltar. Segue carta.* Mas o velho foi vivo e em vez de pintar na Judéia - onde o filho de Herodes, outro mauca, reinava - foi para a Galiléia, para uma cidadezinha chamada Nazaré. Ali o Guri cresceu legal. Acabou Rei mesmo, dando o maior Ibope. Aliás, os profetas já tinham dito que o Guri seria chamado *Nazareno.* Naquela época, profeta não dava uma fora! Se tivesse a Loteria Esportiva, já viu, né?



[8] Herodes era o rei da Judéia, quando Jesus nasceu



O “flete”

Pai - perguntou o menino -, o que é "flete"? - "Flete"?

- Tem certeza de que a palavra é essa mesmo?

- Tenho. Parece que é uma coisa antiga.

-Ah - disse o pai, sorrindo com a lembrança. - Deve ser "flit". Se dizia "flite". Era um, sei lá. Inseticida. Contra mosca e mosquito. Espalhava-se pela casa com uma bomba.

- Um tipo de "spray"?

- Na época não se dizia "spray". Era bomba mesmo.

- E as pessoas respiravam o ar com "flete"?

- "Flite". É. Bem não devia fazer. Aliás, acho que a minha geração deu no que deu de tanto respirar "flite" quando criança. Está explicada a crise brasileira.

- Não deve ser isso - disse o filho. - Não existe nada chamado "flete"?

A mãe entrou na conversa.

- Deve ser "flerte".

- Isso! "Flerte". O que era?

Mãe e pai se entreolharam. O que era, mesmo, "flerte"?

- "Flerte" era namoro - tentou o pai.

- Não era bem namoro - disse a mãe. - Era uma espécie de pré-namoro. Podia dar em namoro ou não. Eu, por exemplo, mesmo antes de conhecer seu pai, já flertava com ele.

- Eu não sabia disso.

- Cachorro!

- Mas como era "flerte"? - quis saber o filho.

- "Flertar" era olhar.

- Só olhar?

- Não. Olhar de uma certa maneira. Demonstrando interesse.

-Você, porexemplo-disse o pai-, quando está interessado numa garota, o que faz?

- Eu chego pra ela e digo "cume?".

- Pois o "flerte" era o "cume" da nossa época. Só que levava mais tempo.

- Quanto tempo, mais ou menos?

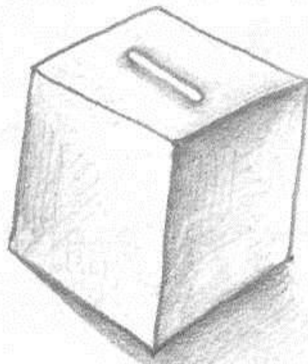
- Bom, seu pai e eu flertamos quase um ano. Depois namoramos quatro, noivamos um... e casamos.

- Putz.

- Eu não entendo essa sua irritação, meu filho.

- É que, se não fosse esse ano de "flerte", hoje eu já estava livre do serviço militar! .





O pleito

Como era época de eleição, a professora decidiu fazer um pleito simulado na aula. - Não, André, pleito não é o que o pleru tem na frente. Atenção, aula. Para uma eleição é preciso...?

- Saco.

- Pare, André. É preciso candidatos. Quem quer ser candidato? Muito bem. Você... você não, André... e você. Cada candidato diz o que pensa e o que pretende fazer se for eleito. Quem conseguir convencer o maior número de pessoas a votar nele ganha. Vamos começar por você, Carlos Eduardo. Se você fosse eleito, qual a primeira coisa que faria?

- Acabava com o colégio.

- Não assopre, André. Fale, Carlos Eduardo.

- Dava dinheiro prós pobres.

- Muito bem, Carlos Eduardo. Só que a coisa não é tão fácil assim. Não se pode simplesmente imprimir dinheiro e... eu sei que o candidato é ele e não eu, André.

Só estou tentando ajudar. Que mais você faria, Carlos Eduardo?

-Ahn... construía mais hospitais, mais escolas e uma sorveteria lá perto de casa.

- Carlos Eduardo, um candidato não pode pensar nos seus interesses. Tem de pensar nos interesses de todos. Mas está muito bom o seu programa de governo. Melhor distribuição de renda, mais atenção à

saúde e à educação. Ótimo. E você, Rita?

- Meus amigos...

- Não precisa subir na mesa. Fale do chão mesmo.

- Meus amigos! Se eleita, resolverei todos os problemas do Brasil!

- Como, Rita?

- Confiem em mim.

- Não pode ser assim, Rita. Você tem de ser mais específica.

- Eu ainda não tenho um plano, mas na hora me dá um estalo. Eu sei que dá.

- Muito bem. A Rita é o tipo do candidato que não tem um programa e em quem você confia ou não confia. Vocês é que vão decidir. E você, Otávio? Faça o seu discurso.

- Brasileiras e brasileiros!

- O Otávio, André. Você fique quieto.

- Bom, eu... eu representarei vocês no governo. O que vocês quiserem, eu farei.

- O Otávio é outro estilo de candidato. Então, vamos ver. O Carlos Eduardo tem um programa de governo, a Rita diz que ela, na hora, resolve tudo, e o Otávio diz que fará o que pedirem. Vamos votar. Cada um escreve neste papelzinho o nome do candidato, depois coloca nesta caixa. André, distribua os papeizinhos, por favor. Se isto fosse uma eleição de verdade estas seriam cédulas, e isto, uma urna. Cada um vota de acordo com as convicções. Muito bem, todos prontos? André, você ficou com o seu? Então, vamos lá. Escrevam o nome do seu preferido.

- Como é que se escreve "McDonald's"?

- Isto é sério, André. Vamos ver quem ganha.

- Primeiro o Otávio, segundo a Rita, terceiro o Carlos Eduardo.

- Como é que você sabe, André?

- Fiz uma pesquisa enquanto distribuía os papeizinhos.

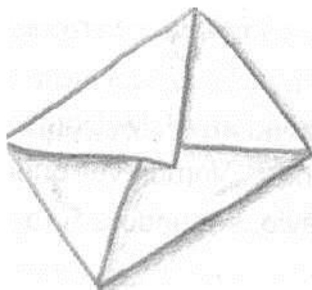
- Podem parar de votar.

- Por que, professora?

- Não tem mais graça.

Todos concordaram que as pesquisas estragam tudo e ninguém falou

com o André pelo resto do dia. Apesar de ele acusar todo mundo de ser contra a ciência.



Conversa

No meu tempo de estudante (lá pela Idade Média), uma das artes que tínhamos que dominar era a *X_ y* arte de conversar porteiro de baile. Os bailes eram nos clubes, geralmente com convites, que de convites não tinham nada, já que eram pagos, e quem tinha dinheiro? O jeito era enrolar o porteiro. A esta cena eu assisti:

- Tenho que entrar para avisar a minha irmã. Nossa mãe está passando mal.

- Eu mando chamar.

- Só uma entrada rápida. Se não voltar em dois minutos o senhor pode mandar me buscar...

- Só entra com convite.

- Eu deixo este chaveiro com o senhor. É de estimação. Se eu não voltar em cinco minutos...

- Sem convite não entra.

- Eu perdi o meu. Juro!

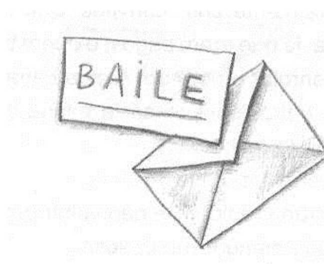
- Sem convite não en...

- Está bem, está bem. Tome o convite.

Ele tinha o convite o tempo todo, no bolso do casaco. Depois, reunido com a turma, explicaria:

- Não insisti porque tinha muita gente atrás e eu estava bloqueando o caminho. Mais um pouco e ele cedia. Porteiro comigo não tem moleza.

Não era uma questão de ter ou não ter convite. Era uma questão de princípios. Onde estava a graça de entrar com convite, como todo mundo?



Relógio Digital

O pai achou que o filho já estava na idade para terem a tal conversa. Encontrou o menino brincando com um amiguinho e convidou os dois para uma caminhada. Começou com a agricultura. O agricultor, meu filho, coloca uma semente na terra, a semente cresce e se transforma em planta. Com os animais é a mesma coisa. O macho coloca uma semente na fêmea, a semente cresce etc. Com as pessoas também é assim. É por isso que nós temos órgãos sexuais, e o do homem é diferente do da mulher. O papai colocou uma sementinha na barriga da mamãe, a sementinha cresceu e você nasceu.

Para que o amiguinho não se sentisse desprezado, o pai acrescentou:

- Com seu pai e sua mãe também foi assim.

Os dois meninos estavam interessadíssimos. Foi uma caminhada longa, durante a qual o pai não parou de falar. Como o pai sabia de coisas! Para tudo que os meninos perguntavam sobre sexo o pai tinha uma resposta. Eta, pai!

- E os buracos negros, pai?

- Que buracos negros?

- Os buracos negros do Universo.

- Isso não tem nada a ver com sexo.

- Eu sei, mas como é que eles são?

-Ah, bom. Olha, sobre isso eu não sei muita coisa, não.

- E, pai, como é essa história de supercondutores?

- Não sei bem.

Mas o menino continuava entusiasmado. Era o dia de saber de coisas.

- Pai, por que as ondas de rádio acompanham a curvatura da Terra e as ondas de TV não?

- É porque, sei lá. Devem ser ondas diferentes. O menino já estava desanimado.

- Como é que funciona relógio digital?

- Não sei, meu filho.

Chegaram em casa e o pai perguntou:

- Mais alguma pergunta sobre sexo?

Eles não tinham mais nenhuma pergunta sobre sexo e o pai foi embora. Os dois meninos ficaram em silêncio. Então, um disse:

- Que crânio o meu pai, hein? Sabe tudo.

O amigo fez cara de pouco caso, lembrando todas as perguntas sem resposta. Mas o outro tinha a explicação.

- É que ele se especializou só nisso.

[9]

[9] Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

A solução

O sr. Lobo encontrou o sr. Cordeiro numa reunião do Rotary e se queixou de que a fábrica do sr. Cordeiro estava poluindo o rio que passava pelas terras do sr. Lobo, matando os peixes, espantando os pássaros e, ainda por cima, cheirando mal. O sr. Cordeiro argumentou que, em primeiro lugar, a fábrica não era sua, era do seu pai, e, em segundo lugar, não poderia fechá-la, pois isto agravaria o problema do desemprego na região, e o sr. Lobo certamente não ia querer bandos de desempregados nas suas terras, pescando seu peixe, matando seus pássaros para assar e comer e ainda por cima cheirando mal. Instale equipamento antipoluente, insistiu o sr. Lobo. Ora, meu caro, retrucou o sr. Cordeiro, isso custa dinheiro, e para onde iria o meu lucro? Você certamente não é contra o lucro, sr. Lobo, disse o sr. Cordeiro, preocupado, examinando o sr. Lobo atrás de algum sinal de socialismo latente. Não, não, disse o sr. Lobo, mas isto não pode continuar. É uma agressão à Natureza e, o que é mais grave, à minha Natureza. Se ainda fosse à Natureza do vizinho... E se eu não parar?, perguntou o sr. Cordeiro. Então, respondeu o sr. Lobo, mastigando um salgadinho com seus caninos reluzentes, eu serei obrigado a devorá-lo, meu caro. Ao que o sr. Cordeiro retrucou que havia uma solução. Por que o senhor não entra de sócio na fábrica Cordeiro e Filho? Ótimo, disse o sr. Lobo. E desse dia em diante não houve mais poluição no rio que passava pelas terras do sr. Lobo. Ou, pelo menos, o sr. Lobo nunca mais se queixou. [10]

---

[10] Este conto é uma nova versão da história "O Lobo e o Cordeiro", escrita por Esopo, um escravo grego que viveu antes de Cristo e criou muitas fábulas que contamos até hoje. Como essas fábulas ficaram muito conhecidas, muitos outros autores aproveitaram para brincar com elas, adaptando-as ou contando-as de novo com pequenas diferenças, porque sabem que os leitores podem entrar nesse jogo e achar graça. Um ótimo exemplo é o que Monteiro Lobato faz em *Reinações de Narizinho,* quando os personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo visitam o País das Fábulas. Mas a versão de Veríssimo tem um aspecto bem diferente.Todas as outras criticam a violência e a injustiça, porque o Lobo é forte e não tem razão, o Cordeiro é inocente e está certo. Nesta, o autor critica a corrupção da sociedade contemporânea - nenhum tem razão, mas os dois se entendem.

Minhas férias

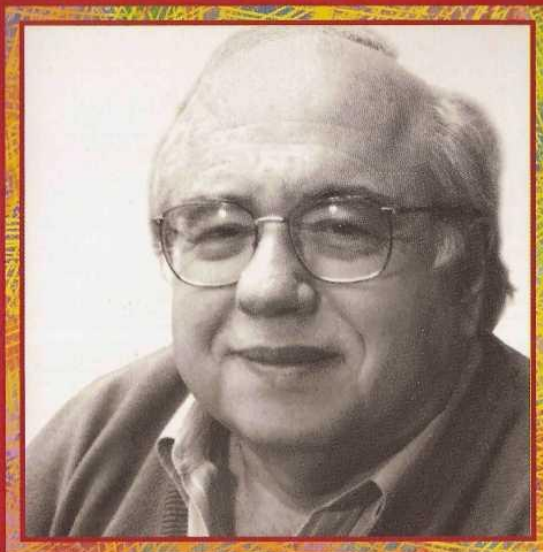
Eu, minha mãe, meu pai, minha irmã (Su) e meu cachorro (Dogman) fomos fazer *camping*. Meu pai decidiu fazer *camping* este ano porque disse que estava na hora de a gente conhecer a natureza de perto, já que eu, a minha irmã (Su) e o meu cachorro (Dogman) nascemos em apartamento, e, até os 5 anos de idade, sempre que via um passarinho numa árvore, eu gritava "aquele fugiu!" e corria para avisar um guarda; mas eu acho que meu pai decidiu fazer *camping* depois que viu o preço dos hotéis, apesar de a minha mãe avisar que, na primeira vez que aparecesse uma cobra, ela voltaria para casa correndo, e a minha irmã (Su) insistir em levar o toca-discos e toda a coleção de discos dela, mesmo o meu pai dizendo que aonde nós íamos não teria corrente elétrica, o que deixou minha irmã (Su) muito irritada, porque, se não tinha corrente elétrica, como ela ia usar o secador de cabelo? Mas eu e o meu cachorro (Dogman) gostamos porque o meu pai disse que nós íamos pescar, e cozinhar nós mesmos o peixe pescado no fogo, e comer o peixe com as mãos, e se há uma coisa que eu gosto é confusão. Foi muito engraçado o dia em que minha mãe abriu a porta do carro bem devagar, espiando embaixo do banco com cuidado e perguntando "será que não tem cobra?", e o meu pai perdeu a paciência e disse "entra no carro e vamos embora", porque nós ainda nem tínhamos saído da garagem do edifício. Na estrada tinha tanto buraco que o carro quase quebrou, e nós atrasamos, e quando chegamos ao local do *camping* já era noite, e o meu pai disse "este parece ser um bom lugar, com bastante grama e perto da água", e decidimos deixar para armar a barraca no dia seguinte e dormir dentro do carro mesmo; só que não conseguimos dormir porque o meu cachorro (Dogman) passou a noite inteira querendo sair do carro, mas a minha mãe não deixava abrirem a porta, com medo de cobra; e no dia seguinte tinha a cara feia de um homem nos espiando pela janela, porque nós tínhamos estacionado o carro no quintal da casa dele, e a água que o meu pai viu era a piscina dele e tivemos que sair correndo. No fim conseguimos um bom lugar para armar a barraca, perto de um rio. Levamos dois dias para armar a

barraca, porque a minha mãe tinha usado o manual de instruções para limpar umas porcarias que o meu cachorro (Dogman) fez dentro do carro, mas ficou bem legal, mesmo que o zíper da porta não funcionasse e para entrar ou sair da barraca a gente tivesse que desmanchar tudo e depois armar de novo. O rio tinha um cheiro ruim, e o primeiro peixe que nós pescamos já saiu da água cozinhado, mas não deu para comer, e o melhor de tudo é que choveu muito, e a água do rio subiu, e nós voltamos pra casa flutuando, o que foi muito melhor que voltar pela estrada esburacada; quer dizer que no fim tudo deu certo.





n



Ele faz parte da nossa família de escritores preferidos – e logo fará parte da sua. Porque o genial Luis Fernando Verissimo não escreve apenas para adultos. Neste livro, o gaúcho se revela um mestre também para jovens e crianças.

Os contos reunidos aqui falam da infância e do ambiente escolar, traçando um panorama carinhoso da escola brasileira. Com muito talento e bom humor, Verissimo ao mesmo tempo faz rir e emociona, ao contar histórias de alunos e professores, pais e filhos, santinhos... e pestinhas também.

ISBN 85-7302-413-5



Literatura em minha casa



DIGITAL Source

VICIADOS em livros
googlegroups.com

http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros

http://groups-beta.google.com/group/digitalsource